

“Da porta dos fundos” à constituição de um espaço: os últimos debates historiográficos sobre a África e afrodescendentes na Revista Afro-Ásia (2004-12)

AUTOR: LUIZ PAULO SANTOS BEZERRA*

Introdução

Tendo em vista os últimos acontecimentos acerca da obrigatoriedade do ensino da História da África e dos afrodescendentes no ensino brasileiro, a saber, a lei 9.394 de dezembro de 1996, e a lei 10.639 de janeiro de 2003. Onde esta última decreta que nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares é obrigatório o ensino sobre História da África e Cultura Afro-Brasileira, além da luta dos negros no Brasil, e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinente à História do Brasil.

O presente artigo se coloca como fundamental no exame dos recentes trabalhos que tratam em analisar a África e os afrodescendentes. Além de verificar qual o espaço vem se reservando para o mesmo tema nos últimos 10 anos na revista Afro-Ásia do Centro de Estudos Afro-Orientais¹ da Universidade Federal da Bahia. Outros pontos serão tratados no decorrer do trabalho, como: a) a construção da recente historiografia da África e dos afro-brasileiros; b) a identificação e classificação do tempo e dos eventos, aos quais a atuação dos africanos e dos afrodescendentes está relacionada – Pré-História, Colônia e Tempo Presente e a busca de uma relação entre os recentes estudos historiográficos com o ensino brasileiro.

Esta comunicação surge como uma das etapas de um projeto monográfico que está se desenvolvendo na Universidade Federal de Sergipe (UFS). Esse plano tem a finalidade de analisar a África e os afrodescendentes nos currículos de História para o ensino médio no Brasil durante os anos de 2004 a 2012. Tal atividade orientada conta com a contribuição de outros colegas (Edvaldo Souza e Ruzilane Rabelo), aos quais pesquisam o mesmo tema em diferentes regiões brasileiras. Além de todos eles analisarem outras revistas. O recorte

* Graduando do curso de História da Universidade Federal de Sergipe, Bolsita PET/História (DHI/UFS). Membro do Grupo de Pesquisas sobre Ensino de História (GPEH/DED/UFS). Orientador: Prof. Dr. Itamar Freitas (DED/UFS).

¹ (CEAO) Centro de Estudos Afro-Orientais é um espaço voltado para o ensino, pesquisa e extensão. Essa unidade surge como um lugar de discussões e estudos sobre os negros e as relações raciais no Brasil.

temporal utilizado na pesquisa justifica-se por ser um período que envolveu um debate intenso devido à recente lei de 2003 que obrigava o ensino da História da África e Cultura Afro-Brasileira nas instituições de ensino público. Dessa forma, buscou-se iniciar os trabalhos a partir do ano de 2004, esse espaço de um ano fez-se necessário para que houvesse um tempo hábil para publicações que envolvessem o tema.

Muitos são os autores que tratam em analisar a África e os afrodescendentes em variadas situações e em contextos diferenciados. Os últimos debates da historiografia sobre o tema vêm colaborando para a formulação de novos conceitos, aos quais estão sendo utilizados tanto pelos Currículos Nacionais, quanto pelas produções acadêmicas. O autor Anderson Oliva no seu trabalho intitulado “Entre máscaras e espelhos: reflexões sobre a identidade e o ensino de História da África nas escolas brasileiras” (2012) faz uma análise sobre os possíveis reflexos acerca da construção das identidades individuais e coletivas de estudantes sobre o ensino da História africana nas escolas brasileiras. O seu estudo revela que os recentes debates estão seguindo o viés para a questão da pluralidade cultural e multiculturalismo². Essas produções sofreram influências muito consistentes dos estudos Pós Coloniais³.

Esse texto encontra-se dividido em três partes, além da introdução e conclusão. Na primeira será traçado o perfil da revista que foi analisada e qual o critério utilizado para tal estudo. Na segunda parte intitulada “Os últimos debates historiográficos na visão de alguns autores (1980-2010)” consistirá numa explanação de alguns estudiosos em relação às recentes discussões acerca da História da África e dos Afrodescendentes. E na terceira etapa “A Revista Afro-Ásia e o seu envolvimento com as novas perspectivas historiográficas dos últimos anos (visão geral)” propõem discutir como esses recentes debates da historiografia vêm influenciando a Revista Afro-Ásia da UFBA, e qual foi o resultado encontrado.

O perfil da revista e o critério de avaliação

²Segundo Gusmão (Apud OLIVA, 2012, p. 34) o termo multicultural “é entendido como uma constatação da presença de diferentes culturas num determinado meio [...]”. De acordo com Oliva, este termo é o mais utilizado aqui no Brasil.

³Estudos revisionistas elaborados desde a década de 80 do século passado. Essas pesquisas colocaram no cerne das discussões temas que anteriormente foram esquecidos, como: práticas agrárias, receitas de cozinha, produções artísticas, etc.

Tendo o apoio de uma equipe de pesquisadores renomados de diversas universidades nacionais e internacionais, a Revista Afro-Ásia do Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia destaca-se por ser um dos poucos periódicos do Brasil a tratar exclusivamente dos estudos da África, Ásia e da cultura afro-brasileira. Lançada pela primeira vez no ano de 1965, a revista conta com publicações semestrais. O seu formato de revista eletrônica de fácil acesso possibilita ao pesquisador e leitor encontrar as publicações num espaço de tempo muito reduzido, o que dinamiza as informações do conteúdo. O periódico está voltado para algumas questões ligadas à identidade, relações raciais, e história da escravidão.

O método utilizado para a realização da pesquisa está baseado na análise de conteúdo⁴ por título, e em alguns casos foi empregado também o exame das palavras-chaves como forma de identificação das temáticas, assim, buscou-se uma caracterização do perfil dos artigos publicados na revista. Cabe citar que, esta análise inicia-se a partir do momento em que são levantadas as fontes documentais, no caso, as comunicações da revista. Após esse levantamento foi criado um banco de dados onde constam todos os títulos dos trabalhos. Posteriormente, os artigos relacionados ao Brasil foram classificados e suas temáticas avaliadas. Entretanto, é importante considerar que o teor analisado nesta comunicação se voltará para os assuntos relacionados ou correlacionados ao Brasil. Tendo em vista que desde 2004 a Revista Afro-Ásia publicou entorno de 110 trabalhos.

Os últimos debates historiográficos na visão de alguns autores (1980-2010)

Ao que tudo indica, o centenário da abolição em 1988 foi o auge do interesse dos pesquisadores pela escravidão e pela cultura afro-brasileira. É importante citar aqui o estado de Minas Gerais, Bahia e Rio de Janeiro como grandes celeiros, divulgadores desses estudos. Esse interesse renovado por escravos e seus descendentes, enquanto agentes históricos, enfatizando sua história cultural, as identidades e as representações resultaram em várias obras. A visão de hoje é que a escravidão não era somente uma instituição, formada por um grupo único, e sim por indivíduos, homens, mulheres e crianças. Entretanto, tal perspectiva

⁴ Segundo Bardin (Apud SILVA, CRISTIANE, GOBBI, BEATRIZ, SIMÃO, ANNA, 2004) “a análise de conteúdo é uma técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto na comunicação”.

levou muito tempo para ser trabalhada. Por anos a história dos africanos e dos afrodescendentes foi marginalizada ou deturpada pelos próprios pesquisadores.

O autor Luciano Everton Teles faz uma análise de livros e artigos produzidos nos últimos 30 anos na África e no Brasil. Para ele, os estudos sobre a África começou há muito tempo. E esses primeiros estudos limitaram-se em analisarem somente o norte da África. A partir do século XIX, com a expansão militar e econômica sobre o território africano o sul também se transformou em fonte de pesquisas. No entanto, esses estudos estavam permeados por interesses políticos. Na verdade, essas investigações tinham um forte teor eurocêntrico e preconceituoso. De acordo com o autor,

A escrita da história sobre a África era externa (de fora) e assentada no eurocentrismo [...] Segundo o conjunto de ideias exportadas, inevitavelmente todas as sociedades caminhariam para o modelo de desenvolvimento europeu, o que tornou esse modelo um paradigma. (TELES, 2012: 242).

Para Teles, esses estudos vistos por olhares de “fora” deturparam por anos a história e cultura africana, principalmente ao sul do continente. Durante essa trajetória de preconceitos raciais e econômicos, foi nos anos 80 e 90 do século passado que uma gama de historiadores africanos (não exclusivamente africanos, mas vários outros estudiosos e instituições fora da África) resolveu elaborar uma reescrita da História africana. Assim sendo, esses estudos queriam construir uma história própria do continente, onde os seus habitantes fossem agentes do próprio meio, sujeitos de sua própria história. A história Oral passou a ser utilizada como suporte para construir uma nova interpretação da África,

[...] a História da África passou a ser (re)escrita considerando o africano como sujeito da sua própria história, agindo de forma decisiva nos acontecimentos históricos. Além disso, a História Oral passou a ser utilizada como suporte para construir uma nova interpretação da África, e a interdisciplinaridade tornou-se instrumento para estabelecer um diálogo com outras áreas do conhecimento visando uma compreensão maior de determinados aspectos, sobretudo materiais e culturais. Enfim, estabeleceu-se, entre 1950 e 1980, um processo de (des)construção da história da África pelos profissionais africanos. O maior exemplo desse processo foi a participação de intelectuais estrangeiros, principalmente africanos, num

projeto com apoio e financiamento da Unesco que visava produzir uma nova história da África. (TELES, 2012: 245)

Uma autora que entende as mudanças significativas nos recentes estudos historiográficos sobre a África e afrodescendentes é Fabiana Schleumer. No seu artigo publicado recentemente intitulado “Cenários da escravidão colonial: história e historiografia”, fala sobre o debate racial nos últimos 30 anos. Para ela, a querela sobre a questão racial no Brasil, principalmente após o centenário da abolição dos escravos, gerou uma série de análises revisionistas do passado colonial brasileiro. Segundo a autora, é preciso pensar a escravidão para além dos lugares comuns, constantemente frequentados pelos historiadores estrangeiros e nacionais. É preciso pensar que a família escrava, o quilombo representa o papel de uma ação negociada, onde o escravo é o sujeito que negocia e reelabora valores e estruturas fundamentais a sua sobrevivência em novas terras.

Para Schleumer (2012), a partir da promulgação da lei 10.639, novas demandas sociais e raciais foram incorporadas ao fazer histórico. O debate sobre a questão racial no Brasil, principalmente após o centenário da abolição escrava, gerou uma série de análises revisionistas do passado colonial brasileiro. À luz destas novas perspectivas, o tráfico negreiro constitui elemento fundamental para se pensar os homens e as mulheres africanas como sujeitos de sua própria história. Rompe-se assim o pensamento de que o escravo era um objeto, sem estratégias e sem ação. Entra no cerne dos debates, as questões referentes às relações matrimoniais, a convivência entre os escravos, os laços de parentesco e compadrio, enfim, uma série de temas novos.

O autor Stuart Schwartz (2009) examina da mesma forma os últimos debates historiográficos que retratam não só a África, mas o período colonial em si. Para ele, o embate causado por diferentes concepções vem influenciando vários autores que tratam em analisar o Brasil Colonial. A visão marxista ou estruturalista que influenciou vários estudos vem perdendo espaço para uma nova maneira de ver o passado. Na verdade, ela deixava de lado segmentos e temas importantes para a sociedade, como a sexualidade, gênero, ritual, etc. A partir da década de 90 do século XX, houve um direcionamento nos estudos referente ao passado colonial brasileiro com o surgimento da História Social e Cultural. Com o aniversário

do Brasil (500 anos) e com o centenário da abolição, foram estimulados os estudos acerca deste passado colonial. Como exemplo, os variados estudos sobre os aspectos culturais e materiais da vida indígena, além dos intercâmbios e conflitos entre os europeus e esses povos nativos. Em relação à vida cultural afro-brasileira, o autor vê esses estudos como um interesse renovado e que coloca os escravos e seus descendentes como agentes históricos. Na visão de Schwartz, a guinada cultural dos últimos anos, vem desenvolvendo novos estudos/enfoques acerca do Brasil Colonial.

A Revista Afro-Ásia e o seu envolvimento com as novas perspectivas historiográficas dos últimos anos (visão geral)

Com um número expressivo de publicações, a Revista Afro-Ásia é sem sombras de dúvidas um periódico que trabalha com diferenciados enfoques. Nos títulos e palavras-chaves dos artigos analisados até o momento, neste caso, 72 trabalhos, 79,2% dos temas tratam de assuntos diversos. Dessa quantidade, 5,76% tratam da relação entre Brasil e outros países, como a própria África, Portugal, Estados Unidos, China, entre outros. E a maior parte dessas comunicações analisam outros objetos, que retratam desde os casos individuais de escravos ou descendentes, religião afro-brasileira, família escrava a assuntos que analisam o envolvimento desses cativos como guerras e conflitos, etc.

Neste ano de 2013 fez 10 anos que a Lei 10.639/2003 surgiu para preencher um grande vazio da História, e claro, para salvaguardar uma cultura que há muito tempo vem sofrendo com as dificuldades herdadas de um passado sombrio. É nítido que, mesmo após 124 anos de abolição da escravatura no Brasil, a população negra sofre com a indiferença e com preconceito, seja nas ruas ou em qualquer outro ambiente. E durante o período analisado neste trabalho, a Revista Afro-Ásia vem liderando e desempenhando um papel fundamental nos debates às questões raciais no território brasileiro. Acompanhando os recentes debates historiográficos nacionais e internacionais, o periódico serve como um guia incondicional ao pesquisador que pretende trabalhar com algumas temáticas ligadas a escravidão.

Apesar de tratar de assuntos pertinentes ligadas a cultura africana e afro-brasileira, foi sentida a falta de estudos que envolvessem as questões que vinculassem esses recentes

debates ao sistema educacional brasileiro. Na análise de títulos e palavras-chaves elaborada neste trabalho, só foi possível identificar um único artigo que discutia tais ações. O trabalho foi lançado na edição de número 44 no ano de 2011 e tem como título “Raça, ciência e nação em livros didáticos” do autor Dorval do Nascimento. Tal lacuna nos faz pensar de como está sendo difícil a implementação da Lei 10.639/ 2003 no Brasil. Se as revistas especializadas nos assuntos não tratam nas suas publicações, quais as chances de fazer com que tal legislação se implante nos centros de ensino público com eficácia? O que explica essa falta de estudos no campo das políticas públicas e do livro didático num periódico de grande seriedade como a Revista Afro-Ásia? Segundo Abdias do Nascimento,

Reconheço o grande avanço que significa a Lei 10 639/2003, que visa fazer o resgate de nossa história e de nossa memória e torná-las patrimônio cultural de todo o povo brasileiro, mas tenho que elevar a minha voz para dizer que esta lei não está sendo cumprida, ou tem a sua implementação dificultada, por todos aqueles que não querem mudanças nas relações de dominação racial em nosso país. (apud FRANCO, 2008: 98)

É de suma importância ressaltar que, em nenhum momento foi afirmada a possibilidade que a revista estudada neste trabalho não esteja empenhada e comprometida com as questões raciais no Brasil. O que está sendo colocado no cerne das discussões é que apesar do periódico estar inteirado com as novas abordagens historiográficas da África e da cultura afro-brasileira, ela não trata ou dar pouca relevância a certos assuntos. É fundamental que tais discussões sejam reveladas nas revistas especializadas para que de alguma forma esses estudos sejam utilizados tanto pelos alunos de graduação, que um dia serão professores, quanto pelos docentes universitários que são os responsáveis por disseminar novos conceitos teóricos e metodológicos a esses alunos. Além de fomentar nos órgãos públicos a produção de materiais escolares que contribua para uma maior inserção dos grupos marginalizados (negro, índio, homossexuais, etc.) na sociedade.

Conclusão

Como visto, o surgimento da nova historiografia que envolve assuntos pertinentes, como a África, os afrodescendentes, e a cultura afro-brasileira vem se refletindo em diversas

formas, nos artigos publicados em anais, nas palestras em universidades, nas escolas, nas revistas especializadas ou em outros locais. Enfim, os estudos comandados pelos pesquisadores envolvidos com os estudos Pós-Coloniais vêm fazendo um trabalho significativo. É importante salientar que essa transformação de atitude nos mais variados meios tem o objetivo de tentar superar a desigualdade deixada pela cultura escravista do período Colonial e Imperial brasileiro. Parafraseando o autor Anderson Oliva (2003) em um outro trabalho, esse publicado um pouco tempo depois da criação da Lei 10.639, reflete acerca desses estudos. Para ele, fica evidente que o ensino de história sobre a África ainda possui muitas limitações e o seu preconceito além de permear a sociedade brasileira, se reflete ainda, no descaso pela academia, no despreparo dos professores e na desatenção de editoras pelo tema.

Por fim, os resultados através da análise de conteúdo por título foram reveladores quanto a algumas situações. Neste trabalho, foi visto como os recentes estudos historiográficos estão modificando a História da África e dos afrodescendentes, colocando temas que anteriormente eram desprezados e que hoje são fundamentais, como a própria História Oral e os cultos religiosos. A Revista Afro-Ásia é um exemplo de como esses estudos estão modificando esse novo fazer da historiografia. Anualmente são publicados um número considerável de trabalhos acadêmicos que analisam as temáticas ligadas a escravidão. É importante frisar que no seu acervo foram encontrados assuntos que tratam da família escrava, do tráfico de escravos, biografia de indivíduos, diáspora africana, entre outros. Entretanto, apesar da revista ser um dos poucos periódicos a trabalhar de maneira exclusiva o assunto abordado, somente foi possível encontrar um único artigo entre centenas de publicações que analisa as questões ligadas ao ensino, ou as políticas educacionais.

Fonte:

Revista Afro-Ásia disponível em < <http://www.afroasia.ufba.br/index.php> >

Referências bibliográficas:

BARDIN, I. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições Setenta, 1994. 226 p

FRANCO, Nanci Helena Rebouças. **Educação e diversidade étnico-cultural**: concepções elaboradas por estudantes no âmbito da Escola Municipal Helena Magalhães. Salvador, 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia.

TELES, E. L. C. Um olhar sobre a historiografia africana e afro-brasileira. **Revista História Hoje**. v. 1, nº 1, p. 239-252, 2012.

OLIVA, Anderson Ribeiro. Entre máscaras e espelhos: reflexões sobre a identidade e o ensino de História da África nas escolas brasileiras. **Revista História Hoje**. v. 1, nº 1, p. 29-44, 2012.

_____. OLIVA, Anderson. A história da África nos bancos escolares. Representações e imprecisões na literatura didática. **Estudos Afro-Asiáticos**, Ano 25, nº 3, 2003, pp. 421-461.

OLIVEIRA, Eliana de; ENS, Romilda Teodora; ANDRADE, Daniela B. S. Freire; MUSIS, Carlo Ralph. Análise de Conteúdo e Pesquisa na Área de Educação. **Revista Diálogo Educacional**. São Paulo, v. 4, n.9, maio/ago. 2003. Disponível em: < <http://www2.pucpr.br/reol/index.php/DIALOGO?dd1=637&dd99=view> >

SCHLEUMER, Fabiana. Cenários da escravidão colonial: histórias e historiografia. **Revista Ultramares**, v. 1, n. 1, p. 97-120, Jan./jun., 2012.

SCHWARTZ, Stuart. A historiografia dos primeiros tempos do Brasil moderno. Tendências e desafios das duas últimas décadas. In: **História: Questões & Debates**. N. 50, Curitiba: Editora da UFPR, jan./jun., 2009, p. 175-216.